

O CORPO E SEUS AFETAMENTOS

Ana Costa

Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, psicanalista membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA).

E-mail: ammcosta@terra.com.br

Resumo: Este artigo aborda o tema do corpo, a partir de expressões que trazem dificuldades à constituição da transferência. Trata-se da produção de marcas corporais, bem como de formações clínicas nas quais adquire relevância a relação entre saber e imagem do corpo. Nestas, a imagem no espelho é tomada como produção de um excesso, base de exemplos de discursos hipocondríacos. O texto desenvolve esses temas fundamentando-os na referência aos gozos.

Palavras-chave: corpo; marcas corporais; gozos.

Abstract: This article is about the theme of the body, from expressions that bring difficulties to the constitution of the transfer. This is the subject of production of bodily marks, as well as clinical configurations which becomes relevant in the relationship between knowledge and body image. In these, the mirror image is taken as the production of an excess, based on examples of hypochondriacs discourses. The text develops these themes basing them in reference to the joys.

Keywords: body; bodily marks; joy.

Tomaremos o tema do corpo – dentro de sua especificidade na psicanálise – a partir de algumas expressões que trazem singulares indagações à transferência; logo, à maneira de operar na clínica psicanalítica. Destacaremos algumas referências à produção de marcas corporais, bem como a formações clínicas em que há uma articulação muito particular entre saber e imagem do corpo, quando o espelho adquire relevância na produção de um excesso. Situaremos esta última questão num exemplo de discurso hipocondríaco.

A busca por tatuagens e *piercings* traz uma insistência na provocação do olhar. Por vezes banalizadas, camuflam-se numa disseminação na paisagem urbana. Impossível não sublinhar a ambiguidade do interesse por tais marcas, na medida em que com elas é pretendido – a um só tempo – um olhar único, que se destaca, mas também algo de identidade grupal, ou seja, formas de marcar e desenhar oferecidas socialmente

e que não diferenciam seu portador. Nesse sentido, podem acompanhar modismos, apesar de a tatuagem não poder ser desfeita, nem que seja por deixar cicatriz. Como já destacamos em outro trabalho (COSTA, 2003), enquanto psicanalistas, não podemos situar uma interpretação única a esses atos, na medida em que não são propriamente formações clínicas. Mas podemos, sim, acompanhar sua tomada singular – que efeitos produzem para cada um –, acompanhando uma relação entre pulsão e signo, que entra em causa nesses momentos.

Retomamos, aqui, questões já desenvolvidas no trabalho antes mencionado, em que situamos uma das vertentes da busca por essas marcas (tatuagem, *piercing*, escarificações, etc.) como formas de fazer bordas. Denominamos de *borda*, a partir de uma proposição de Lacan (1967-68/2008), toda tentativa de inscrever limites no corpo. Essas produções têm a ver tanto com uma erotização e sua necessidade de suporte no Outro, quanto com algo que se apresenta como um resto corporal. As bordas são o que permitem a constituição de relações, como condição para a inscrição sujeito/Outro. Na constituição do olhar podemos situar uma borda, que se expressa na atividade pulsional, ou mesmo na produção de uma imagem que nos vem de fora e que registramos como sendo nossa.

A referência a essas produções situam-se mesmo no funcionamento do corpo, dizendo respeito a que sua atividade não se dá de forma natural, fazendo com que, em diferentes momentos da vida, estas bordas precisem ser reconstituídas. Essa necessidade responde a uma desnaturação pela linguagem, o que implica em determinações heterogêneas nos suportes corporais, obedecendo a diferentes registros – Simbólico/Imaginário/Real – tal como proposto por Lacan (1972-73/1985).

O ato de furar o corpo, produzindo marcas e desenhos, acompanha a história da humanidade desde seus primórdios, adequando-se a diferentes culturas, com usos e costumes específicos. Nesse sentido, não constitui desvio de uma pretensa naturalidade, e podemos considerá-lo caracteristicamente humano, tal como nos chegam testemunhos histórico-antropológicos (BRUNA, 2001). É possível aproximar essas marcas como busca de uma escrita, mais evidente no caso da tatuagem, na medida em que nesta se traça um desenho. Encontramos aí uma relação importante, que desdobraremos adiante, entre corpo e superfície.

Os diferentes suportes do corpo, responsáveis pelo seu funcionamento e sua contenção, pressupõem uma heterogeneidade radical. Essa heterogeneidade resulta de marcas do significante, que situam, primariamente, a necessidade de inclusão de

símbolos e imagens no funcionamento. Assim, podemos considerar que uma imagem, por exemplo, na medida em que ela é *vital* – ou seja, é necessária e não dispensável –, faz parte do orgânico. Símbolos e imagens apoiam-se nos orifícios do corpo: olhos, ouvidos, boca, ânus... Estas relações são encontradas tanto em Freud (1908/1972), no suposto, por exemplo, de que a anialidade pode constituir o caráter de um sujeito; quanto em Lacan (1964-65/1985), nos diferentes desdobramentos sobre os gozos. Por essa condição, os orifícios serão erogeneizados, ou seja, lá onde aparentemente cumprem uma função de satisfazer uma necessidade biológica, uma outra função entra em causa.

O que chama atenção tanto na tatuagem, quanto no *piercing*, é sua dupla condição: a de fazer orifício e a de acrescentar elementos estranhos ao organismo como compondo o corpo próprio. Estas duas condições nos dão uma pista sobre a constituição do olhar, na medida em que ambas colocam em causa essa referência pulsional. A constituição do olhar apoia-se também na inclusão de um elemento estrangeiro no próprio funcionamento do corpo. Desta colocação podemos depreender que é enquanto signo que é situada uma primeira *impressão* do significante. Não é certo que seja possível seu desdobramento numa cadeia de referência significativa, a partir da qual o sujeito possa dar suporte a sua condição narrativa.

O corpo enquanto superfície e os gozos

A relação entre corpo e superfície coloca em causa a especificidade do tema da escrita para a psicanálise. Para articular essa questão, tomaremos um parágrafo que consta no Seminário XX, de Lacan (1972-73/1985):

“O amuro é o que aparece em signos bizarros no corpo. São esses caracteres sexuais que vêm do além... a respeito do qual farei vocês notarem que não se pode dizer que seja vida, pois aquilo também porta a morte, a morte do corpo, por repeti-lo. É de lá que vem o mais, o em-corpo o A inda. É portanto falso dizer que há separação do soma e do gérmen, pois, por alojar esse gérmen o corpo leva seus traços. Há traços no amuro”. (p. 13)

Os caracteres sexuais, situados como vindo “do além”, não estão do lado do sexual enquanto referência fálica. Aqui se pode assinalar a relação entre corpo e escrita, como também situar uma base para entender a produção de marcas corporais. O que é inserido no corpo pode ser tomado como um signo do Outro. É o estranho, que faz parte de nosso familiar e que, ao ser manipulado, é pacificado. Podemos aproximar da

tentativa de fazer algo que se aproxime de um quadro: a produção de um contorno para o olhar constitui uma pacificação do olhar. Na expressão de Lacan (1964-65/1985), o quadro é onde o olhar depõe suas armas. Ao que responderia essa busca de pacificação? É pacificação de quê? Podemos pensá-la como uma dupla via: por um lado, a insistência das pulsões, por outro, o desdobramento infinito das imagens, que, obedecendo à metonímia, decaem como suportes do corpo. Ali podemos situar, por exemplo, a borda da demanda, que nas relações primárias não dá trégua nem à criança, nem à mãe.

Nessas buscas de recortar, furar e velar situa-se também o que Freud reconheceu como masoquismo originário. Ou seja, a produção de bordas implica um misto de violência e erotismo. Faz parte tanto da busca da *impressão* de uma marca, de um traço originário, quanto da experiência de prazer/desprazer.

As questões colocadas pela equivalência entre corpo e amuro trazem a relação entre corpo e superfície. Ou seja, toma o corpo como algo dado ao olhar e à leitura. Coloca-se, particularmente, quando Lacan propõe que “há traços no amuro”, levando-nos a pensar que esses traços não são subsumidos pelo gozo fálico, trazendo a referência à morte no que se repete no gozo do corpo. Uma possibilidade de leitura diz respeito à busca de que esses traços possam se colocar numa relação amorosa. Coloca-se, então, uma relação entre escrita e saber nisso que é dado a ver, ali onde o sujeito não vê.

Assim, a expressão *amuro* é situada como algo que pode designar o corpo, na medida em que este se apresenta como uma superfície que se presta à escrita. Também neste sentido entendemos a colocação de “signos bizarros”, como marcas sem sentido, que presentificam o objeto, como uma presença excessiva. Esse neologismo lacaniano permite uma leitura do corpo em excesso, como pode se apresentar na puberdade, por exemplo. Nesse momento os objetos pulsionais – objetos *a*, na álgebra lacaniana, que designam, entre outros, a voz e o olhar – manifestam toda sua estranheira, que tem efeitos de estranheza e bizarrice. É quando, na puberdade, a própria voz e o olhar do Outro retornam como signos: referentes de um enigma insondável que trazem impedimentos do sujeito na representação de seu corpo. Pode-se pensar que a procura por marcar o corpo nesse momento duplica esses signos estrangeiros, dos quais o corpo é portador. As disseminações generalizadas de *piercings* e tatuagens nesse momento específico podem evidenciar isso.

Por meio das colocações destacadas, Lacan começa a desenvolver suas questões a respeito das diferentes formas de gozo. Na abordagem da relação aos caracteres sexuais secundários, que se designa inicialmente como *amuro*, o autor situa uma

questão específica: que o *amuro* responde pelo gozo do corpo do Outro. E aqui encontramos um paradoxo: que corpo será esse se em formulações anteriores no Outro, para Lacan, situava-se o código, a língua? As modificações no estatuto do Outro se produziram a partir do encontro de um paradoxo. Por um lado, o Outro, como lugar do código, somente se manteria como tal se esse código, como uma prescrição desde sempre estabelecida, dispensasse o corpo. Por outro, o corpo é hábito, identificação, sem nenhuma consistência de *ser*, ou mesmo de suporte fora da linguagem. Logo, existe uma relação necessária entre corpo e Outro, no sentido de que é deste lugar que se produzem as representações e identificações que são suportes corporais. Mas essa relação situa-os numa espécie de mútua exclusão. Ou seja, temos ali uma imbricação, que se constitui imaginariamente como interdependência, mas que diz de um acoplamento nunca completado, do qual o inconsciente – seja como *isso*, o real pulsional, seja pelo precipitado de suas formações – é resultante.

A produção da cultura resulta, então, do trabalho com dois extremos irrealizáveis: as duas muralhas do impossível, segundo expressão de Lacan (1963-64/1985), quando tenta precisar a relação do sujeito à satisfação. A condição de supor um sujeito ao código passa pela necessidade de dar-lhe um corpo, o que implica em passar pela fala, pela voz enquanto expressão corporal. Assim, tal qual propõe Lacan, a satisfação buscada vai inscrever-se entre dois irrealizáveis. Nesses dois extremos é que o autor situou as formas limites de gozo de um corpo, corpo este que somente se sustenta no suporte da linguagem. Nesse sentido, o gozo trará a marca de uma perda. Os dois extremos do gozo do *falasser* (que, na medida em que somente se inscreve como perda, precisa incluir um símbolo do Outro) serão, assim, de um lado gozo do Outro, de outro lado gozo Outro. No primeiro, poderia pensar-se que seria o símbolo que goza, onde na crise psicótica, por exemplo, os objetos corporais (voz, olhar) tornam-se invasivos e absolutamente estrangeiros ao sujeito, como forcluídos de qualquer possibilidade de circulação. No segundo, o corpo se confunde com o símbolo e goza mudo. O exemplo mais representativo deste seria o gozo dos místicos.

No que diz respeito ao masoquismo, os gozos podem estar na referência direta à montagem de uma cena, dentro do que em psicanálise pode-se descrever como cena fantasmática: ponto de captura primária do sujeito. Teríamos, nesta cena, uma *função* de representação. Este lugar onde o sujeito fica capturado advém de uma espécie de soldagem ao signo do Outro, situando nesse signo um lugar objetual. Ou mesmo, por outro lado, nas crises psicóticas, quando traços da realidade cotidiana transmutam-se

em injunções do Outro. O encontro banal com a repetição de uma cor pode representar um índice persecutório da trama desse Outro. Frequentemente, também as expressões sociais esvaziadas de sentido (como um polido comentário: “passe bem”) adquirem a densidade de todos os sentidos possíveis.

Uma curiosidade a propósito do gozo místico – gozo Outro, segundo Lacan – é sua expressão atual como anorexia de jovens adolescentes. É desde esse lugar que o mutismo do Outro na puberdade se expressa como privação na anorexia, a partir do encontro da injunção ao exercício de uma posição sexuada. É a plenitude no vazio do Outro que a jovem põe em cena. As expressões lacanianas “real pleno”, ou mesmo “compacidade da falta”, são bastante apropriadas aqui.

Por último, no meio do caminho entre os dois gozos anteriormente descritos, numa outra leitura do que Freud definiu como o estrabismo da neurose, o gozo que estabelece uma circulação necessária, que é o gozo da palavra – que Lacan denominou gozo fálico –, enlaçando um endereço ao código, como sendo relativo a um sujeito suposto saber. Pode-se associar a esta leitura o texto freudiano sobre a fantasia de flagelação (FREUD, 1919/1972). Nela, uma significação e sítio para o *eu* é criado a partir da entrada em causa do amor. É pelo amor que entra em causa um sujeito suposto saber e, desta maneira, o *eu* pode demandar guarida e significação.

No entanto, deve-se considerar que numa tal organização a circulação da palavra, o estabelecimento de uma comunidade de código, vai girar por todos os extravazamentos que a constituem, na necessidade de singularizar esse código. Essa singularidade constitui-se primeiro pela condição de que, como diz Lacan, *falamos com nosso corpo* (LACAN, 1972-73/1985). E é por essa necessidade que a palavra nunca vai estar completamente contida numa única forma de circulação e que sempre vai haver expressão das outras formas de gozo. Essas formas de satisfação pulsionais, que deslocam a relação entre os sexos, o autor interpretou-as na expressão *não há relação sexual*, que foi sua maneira de descrever a relação à castração.

Segundo Lacan (1972-73/1985):

“Não há relação sexual porque o gozo do Outro, tomado como corpo, é sempre inadequado – perverso de um lado, no que o Outro se reduz ao objeto *a* – e do outro, eu direi louco, enigmático. Não é do defrontamento com este impasse, com essa impossibilidade de onde se define um real, que é posto à prova o amor?” (p. 197)

Assim, pelo amor, na idealização, na atribuição de um sujeito suposto ao saber, a palavra toma corpo, demanda e estabelece identificações. É nessas condições que se constituem os circuitos de palavras. Nas condições onde o amor supõe um sujeito e um saber e, desta maneira, constitui um lugar para endereço, recorte e organização do corpo/código, corpo/Outro.

Encontramos a especificidade das relações corpo/escrita naquilo que testemunhamos clinicamente como uma busca do sujeito pela escrita de um ponto inapreensível, que pudesse presentificar uma perda de gozo, enquanto elemento separador corpo/Outro, resultante dessa perda.

O saber no corpo num discurso hipocondríaco

Voltamos à questão em que se torna necessário produzir uma falta no Outro enquanto condição de que a castração esteja colocada. Essa busca de fazer cair o objeto implica em que se processe uma perda na experiência. Ou seja, quando na clínica, em transferência, acontece uma queda desse excesso de saber. Traremos uma passagem clínica em que se apresentava a relação entre corpo e saber, numa fala com preocupações hipocondríacas.

H chega ao consultório avisando que está ali só porque seu marido quer, porque não acredita que a psicanálise possa ajudá-la em seu problema. Segundo suas colocações, o que lhe acontece é que ela tem marcas no rosto, desde que uma médica errou na prescrição da medicação, e seu uso resultou nisso. Ela só quer saber seu diagnóstico, mas os médicos não entram num acordo, cada um diz uma coisa. Um deles diagnosticou lúpus. Na internet soube como essa doença deformava o rosto e sentiu horror ao ver isso. Pela rua começou a ver alguns rostos deformados, assustando-a terrivelmente. Esse diagnóstico não foi confirmado em exames posteriores, inclusive pelo médico dermatologista, que consulta semanalmente, pedindo que ele olhe as marcas de seu rosto, que vê constantemente se deformarem. Como um Narciso às avessas, H não consegue deixar de se olhar no espelho. Passa a maior parte de seu dia se olhando, perde a noção do tempo, quando se dá conta passaram-se horas. Ao seu olhar, as marcas vão se transformando, formando buracos e crateras que se abrem. Ela parece querer ver algo que ao mesmo tempo se furta ao olhar. O que ela vê ninguém

enxerga, ao mesmo tempo em que o que lhe dizem, do que se vê, não a tranquiliza. Tem uma relação ambígua com os médicos: deles espera o oráculo de seu destino, mas, ao mesmo tempo, não acredita no que lhe dizem.

A fala desta mulher permite formular algumas questões que as preocupações hipocondríacas levantam para a clínica psicanalítica. Trazem uma determinada relação com o saber: uma inadequação na descrição do código em relação ao que os afeta. Dois elementos precisam ser destacados aqui: o hipocondríaco sabe, mas, paradoxalmente, precisa do aval do Outro. Mantém, com esse Outro, algo de um destino mortífero que o posiciona do lado da crença: há uma relação entre a fala hipocondríaca e a prescrição de um destino. Cabe bem situarmos uma relação com o que “está escrito” no corpo, como um destino, que pede decifração. Nesse sentido, trata-se de um saber sem furos que deve ser avalizado. Encontramos nesse sentido uma dificuldade no estabelecimento da transferência, na medida em que o saber não é suposto.

No caso descrito, os buracos não indicavam um vazio, eram da ordem de uma presença excessiva. Ali não se situava a falta, sendo signo de um olhar excessivo. Nesse sentido, é necessário que algo desse excesso *caia*, no sentido da fala em transferência, para que ali possa se apresentar a *outra cena*. Essa é a colocação que podemos dar ao que Freud denominou *outra cena*: a abertura das associações e toda via significativa, o que implica na constituição da fantasia. Na queixa apresentada encontramos uma hesitação na ordem do traço, ou seja, há uma colagem entre traço e objeto: traço e olhar. Há traços no *amuro*. Pode-se dizer que a colocação de Lacan, no parágrafo antes destacado, sobre “a morte do corpo por repeti-lo”, expressam bem a dificuldade de H, na medida em que o que aparece situa-se como signo. Nessa hesitação entre traço e objeto, a defesa neurótica transita melhor por meio da dialética, na medida em que consegue posicionar-se tanto em relação ao traço simbólico, quanto ao objeto como excesso: o que cai do corpo erotizando suas bordas.

Referências

- BRUNA, D. (2001). *Piercing: sur les traces d'une infamie médiévale*. Paris: Ed. Textuel.
- CALLOIS, R. (1996). *El hombre y lo sagrado*. México: Ed. Fondo de Cultura Económica.
- COSTA, Ana (2001). *Corpo e escrita: relações entre memória e transmissão da experiência*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- (2003). *Tatuagem e marcas corporais. Atualizações do sagrado*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- FREUD, Sigmund (1919). *Pegan a un niño. Aportación a la génesis de las perversiones*. In: Obras Completas. Madrid: Biblioteca Nueva, 1972.
- (1920). *Más Allá del principio del placer*. In: Obras Completas. Madrid: Biblioteca Nueva, 1972.
- (1924). *El problema económico del masoquismo*. In: Obras Completas. Madrid: Biblioteca Nueva, 1972.
- LACAN, Jacques (1962-63). *O Seminário. Livro 10. A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- (1963-64). *O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- (1971). *Lituraterra*. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- (1971-72). *De um discurso que não seria do semblante*. Recife: Circulação interna do Centro de Estudos Freudianos do Recife, 1996.
- (1972-73). *O Seminário. Livro 20. Mais, ainda...* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- MIELI, P. (2002). *Sobre as manipulações irreversíveis do corpo*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- PIERRAT, J. e GUILLON, E. (2000). *Les hommes illustrés: le tatouage des origines a nos jours*. Tours: Editions Larivière.
- SARDUY, S. (1979). *Escrito sobre um corpo*. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- VEGH, I. (2005). *O próximo. Enlaces e desenlaces do gozo*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud Editora.

Recebido em 10/11/2011; Aprovado em 9/1/2012.